

Information Systems and Technology Management 2

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)



Marcos William Kaspchak Machado

(Organizador)

Information Systems and Technology Management 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

143 Information systems and technology management 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Information Systems and Technology Management; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7247-202-9

DOI 10.22533/at.ed.029191903

1. Gerenciamento de recursos de informação. 2. Sistemas de informação gerencial. 3. Tecnologia da informação. I. Machado, William Kaspchak. II. Série.

CDD 658.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra denominada “*Information Systems and Technology Management*” contempla dois volumes de publicação da Atena Editora. O volume II apresenta, em seus 26 capítulos, um conjunto de estudos sobre a aplicação da gestão do conhecimento aos processos de gestão organizacional, operacional e de projetos.

As áreas temáticas de gestão organizacional e de projetos mostram a importância da aplicação dos sistemas de informação e gestão do conhecimento na cultura organizacional e no desenvolvimento de novos projetos.

Este volume dedicado à aplicação do conhecimento como diferencial competitivo para inovação em processos produtivos, traz em seus capítulos algumas aplicações práticas de levantamento de dados, gestão da cultura e governança empresarial, além de ferramentas de monitoramento da qualidade da informação.

Aos autores dos capítulos, ficam registrados os agradecimentos do Organizador e da Atena Editora, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços científicos do tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de novos, e valiosos conhecimentos, e que auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área de gestão do conhecimento e aplicações dos sistemas de informação para formação de ambientes cada vez mais inovadores.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MODELAGEM NO PROCESSO DE LEVANTAMENTO DE REQUISITOS UTILIZANDO A GESTÃO DO CONHECIMENTO: ESTUDO DE CASOS	
Ivan Fontainha de Alvarenga Fernando Hadad Zaidan Wesley Costa Silva Carlos Renato Storck Thiago Augusto Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0291919031	
CAPÍTULO 2	22
A INTERNALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO COMO MEDIDA EFETIVA DE RESULTADOS DE TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO INTERFIRMAS: A PROPOSTA DE UM FRAMEWORK TEÓRICO	
Luciana Branco Penna José Márcio de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.0291919032	
CAPÍTULO 3	37
THE ECONOMICS OF APIS	
Anaury Norran Passos Rito José Carlos Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.0291919033	
CAPÍTULO 4	52
IT GOVERNANCE AND ORGANIZATIONAL CULTURE: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW OF STUDIES CARRIED OUT AND PUBLISHED	
José Luis de Medeiros Sousa Enio Tadashi Nose Luiz Gustavo Argentino Alessandro Marco Rosini	
DOI 10.22533/at.ed.0291919034	
CAPÍTULO 5	64
GESTÃO DE PESSOAS E CULTURA ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA CENTENÁRIA FUNDAÇÃO VISCONDE DE CAIRU/BAHIA	
Tiago Dias Rocha Isac Pimentel Guimarães Antonio Carlos Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0291919035	
CAPÍTULO 6	79
SISTEMA DE GESTÃO DOS RECURSOS DA UNIÃO – NOVA PLATAFORMA TECNOLÓGICA DE GOVERNANÇA	
Luiz Lustosa Vieira Ilka Massue Sabino Kawashita José Antônio de Aguiar Neto	
DOI 10.22533/at.ed.0291919036	

CAPÍTULO 7	101
APIS AND MICROSERVICES	
Anaury Norran Passos Rito	
José Carlos Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.0291919037	
CAPÍTULO 8	122
AUDITORIA INTERNA E A MANUTENÇÃO DO CONTROLE INTERNO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO RAMO DO AGRONEGÓCIO	
Pamela Florencio da Silva	
Adélia Cristina Borges	
Bassiro Só	
Roberto Carlos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0291919038	
CAPÍTULO 9	137
CULTURA DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS DE TI E A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	
Mônica Mancini	
Edmir Parada Vasques Prado	
DOI 10.22533/at.ed.0291919039	
CAPÍTULO 10	150
DIRETRIZES PARA UM MODELO ÁGIL DE GOVERNANÇA, GESTÃO E MATURIDADE DA SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO	
Gliner Dias Alencar	
Alcides Jeronimo de Almeida Tenorio Junior	
Hermano Perrelli de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.02919190310	
CAPÍTULO 11	167
A INFLUÊNCIA DO <i>LEAN SOFTWARE DEVELOPMENT</i> NA ENGENHARIA DE REQUISITOS DE SOFTWARE	
Eliana Santos de Oliveira	
Marília Macorin de Azevedo	
Antonio Cesar Galhardi	
DOI 10.22533/at.ed.02919190311	
CAPÍTULO 12	177
THE CONCEPTUAL DEVELOPMENT OF THE AGILE GOVERNANCE THEORY	
Alexandre J. H. de O. Luna	
Philippe Kruchten	
Hermano P. de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.02919190312	
CAPÍTULO 13	202
DEFINITIONS FOR AN APPROACH TO INNOVATIVE SOFTWARE PROJECT MANAGEMENT	
Robson Godoi de Albuquerque Maranhão	
Marcelo Luiz Monteiro Marinho	
Hermano Perrelli de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.02919190313	

CAPÍTULO 14	221
GESTÃO DO CONHECIMENTO EM PROJETOS DE MANUFATURA ENXUTA: ANÁLISE BIBLIOMETRICA 2007-2017	
Rosenira Izabel de Oliveira Fernando Celso de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.02919190314	
CAPÍTULO 15	234
SELEÇÃO E PRIORIZAÇÃO DE PROJETOS: COMO AS ORGANIZAÇÕES DEFINEM CRITÉRIOS	
Ana Claudia Torre Rosária de Fátima Macri Russo	
DOI 10.22533/at.ed.02919190315	
CAPÍTULO 16	249
ANÁLISE PARA INCORPORAÇÃO DE UM PROCESSO DE SUSTENTABILIDADE EM UM FRAMEWORK DE GOVERNANÇA DE TI	
Cecilia Emi Yamanaka Matsumura Mauro Cesar Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.02919190316	
CAPÍTULO 17	294
PEOPLE AND INFORMATION SECURITY: AN INSEPARABLE BOUNDARY	
Camila Márcia Silveira Teixeira Jorge Tadeu Neves	
DOI 10.22533/at.ed.02919190317	
CAPÍTULO 18	307
A MULTI-MODEL APPROACH FOR PROVISION OF SERVICES THE INFORMATION TECHNOLOGY FOR FEDERAL PUBLIC ADMINISTRATION BRAZILIAN	
Luiz Sérgio Plácido da Silva Suzana Cândido de Barros Sampaio Renata Teles Moreira Alexandre Marcos Lins de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.02919190318	
CAPÍTULO 19	316
MODELOS DE BUSCA, ACESSO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA WEB DE DADOS – ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO	
Francisco Carlos Paletta Ligia Capobianco	
DOI 10.22533/at.ed.02919190319	
CAPÍTULO 20	329
PERFSONAR: AN INFRASTRUCTURE FOR QUALITY MONITORING OF COMPUTER NETWORKS OVER THE INTERNET	
Priscila da Silva Alves Gutemberg Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.02919190320	

CAPÍTULO 21	345
SOFTWARE AHP SMART CHOICE: UMA FERRAMENTA DE ESTUDO DO MÉTODO AHP	
Alexandre Mendes Rodrigues Ivan Carlos Alcântara de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.02919190321	
CAPÍTULO 22	361
CCI – COMPETÊNCIAS COGNITIVAS INTEGRADAS PARA INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIA NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS	
João Carlos Wiziack Vitor Duarte dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02919190322	
CAPÍTULO 23	379
INCLUSÃO DIGITAL DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA INSTITUCIONAL	
Eliane Apolinário Vieira Avelar Ewerton Alex Avelar Alcenir Soares dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.02919190323	
CAPÍTULO 24	391
TRABALHO PRECÁRIO E SALÁRIO DOS BIBLIOTECÁRIOS NO NORTE E NORDESTE BRASILEIRO: DESVENDANDO RELAÇÕES DE CLASSE E GÊNERO	
Maria Mary Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.02919190324	
CAPÍTULO 25	409
GERADOR DE TENSÃO DE PELTIER	
Gabriel Muniz de Almeida Glória Denise Claro da Silva Alessandro Corrêa Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.02919190325	
CAPÍTULO 26	415
UMA REFLEXÃO SEMÂNTICA SOBRE A CANÇÃO “PACIÊNCIA” DE LENINE E DUDU FALCÃO	
Ivaldo Luiz Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.02919190326	
SOBRE O ORGANIZADOR	429

UMA REFLEXÃO SEMÂNTICA SOBRE A CANÇÃO “PACIÊNCIA” DE LENINE E DUDU FALCÃO

Ivaldo Luiz Moreira

Universidade Anhembi-Morumbi
São Paulo – São Paulo

RESUMO: Este artigo trata da representação imagética intrínseca a uma determinada canção, oriunda de sua figura textual, quase sempre poética. O objetivo é chamar a atenção para a construção simbólica que se dá na imaginação do receptor. A abordagem metodológica parte da leitura da obra de Lúcia Santaella: *Matrizes da linguagem e pensamento. Sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia* (2005) e das obras de Luiz Tatit: *Musicando a semiótica: ensaios* (1997) e *Análise semiótica através das letras* (2001). O artigo submete a canção a uma perspectiva originária de sua letra, e da capacidade sensorial de alcançá-la. Como base neste estudo foram feitas duas leituras semânticas da música “Paciência” de Lenine e Dudu Falcão. A primeira feita por Luiz Tatit e uma segunda, elaborada por nós, como procedimento de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Canção; Semântica; Representação; Receptor; Semiótica

ABSTRACT: This article deals with the intrinsic imagery representation of a particular song, derived from its textual figure, almost always

poetic. The goal is to draw attention to the symbolic construction that takes place in the receiver’s imagination. The methodological approach starts from the reading of Lúcia Santaella’s work: *Matrizes da linguagem e pensamento. Sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia* (2005) and the works of Luiz Tatit: *Musicando a semiótica: ensaios* (1997) and *Análise semiótica através das letras* (2001). The article submits the song to an original perspective of its letter, and the sensorial capacity to attain it. As a basis for this study, two semantic readings of the song “Patience” by Lenin and Dudu Falcão were made. The first one made by Luiz Tatit and a second, elaborated by us, as a procedure of interpretation.

KEYWORDS: Song; Semantics; Representation; Receptor; Semiotics

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo trata da observação imagética em uma determinada canção, oriunda de uma representação simbólica, dos acenos emergentes do texto lírico contido em sua letra musical, ou seja, do ponto de vista interpretativo e empírico alojados na sua estrutura literária, onde se busca alcançá-las por meio da capacidade sensorial, interpretando-as, dando

forma e traduzindo-as.

Este estudo é baseado na nossa compreensão de conceitos extraídos da semiótica, contidos na interpretação dada pelos autores Lúcia Santaella (2005) e Luiz Tatit (1998; 2001) e de abordagens conceituais de outras fontes que referenciam seus trabalhos numa tentativa de explicar ou de se fazer entender a partir do enfoque apresentado e discutir esses conceitos à luz dos autores que os influenciaram no campo da Semiótica e Semiologia.

Inicialmente ponderamos sobre a dimensão da palavra que abriga em suas formas variáveis, possibilidades estéticas e construções gramaticais abundantes, observadas desde a arte erudita ocidental, dos cantos medievais, aos hinos religiosos, dos poemas declamados, dos recitativos aos sermões entoados, o texto e a palavra cantada emolduram, recobrem e abrigam a música vocal.

Compreendida como “poesia oral”, a palavra tem colocado em questão a sua relevância na canção; e a reflexão deste estudo tem despertado bastante interesse – embora multiplique para compreendê-lo. Ao longo do tempo teve por alguns estudiosos, suas dimensões fragmentadas, por considerarem, distinta a função e origem de cada uma; ora palavra falada, ora palavra cantada, embora, palavra falada e palavra cantada tenham como fim o mesmo desejo...o de expressão por meio da fala

A questão é, no entanto, complexa. É fácil partir do princípio de que existe apenas uma forma correta segundo a qual o texto, a música e a performance se inter-relacionam, e, conseqüentemente, apenas um método auto-evidente (sic) para conceituar essa forma. Mas, de fato, há muita diversidade – e múltiplas controvérsias também (FINNEGAN, 2008, p. 16).

A “canção”, que por nós é reconhecida como “poesia cantada”, comporta três dimensões sendo elas: texto, música e performance. O texto lírico contém, sentimento, prazer, medo, tensão, dramas acolhidos em uma realidade interior onde o poeta se expressa a partir de sua relação empírica com o mundo. “A escritura questiona o mundo, nunca oferece respostas; libera a significação, mas não fixa sentidos. Nela o sujeito que fala não é, preexistente, mas produz-se no próprio texto, em instâncias sempre provisórias” (Perrone-Moisés, 1985, p. 55) e ainda numa perspectiva semântica, segundo Diana Luz (1998) a Semiótica distingue texto e discurso: o discurso é uma construção do plano do conteúdo; no texto, casam-se expressão e conteúdo. Dessa forma, a aspectualização linguístico-textual supõe a aspectualização dos diferentes níveis de construção da significação. Na canção de Lenine e Dudu Falcão, que tomamos, como exemplo, para contextualização no nosso objeto de estudo, observamos que há texto e discurso, detectamos a presença destes dois elementos.

A música é a segunda dimensão intrínseca à palavra cantada e conforme Santaella (2005, p. 97) apresenta inúmeros estudos e, portanto, a colocam em discussão. Um dos mais emblemáticos é se a música pode ser considerada como uma linguagem sobre o aspecto do caráter sistêmico da língua, tais como: diacronia (através do tempo)

e sintonia (ao mesmo tempo), língua e fala (caracterizada pela norma), significante (sendo o elemento perceptível na forma gráfica ou sonora) e significado (conceito, conteúdo). O signo é resultante da união, paradigma (um pressuposto filosófico, um conjunto de elementos similares que se associam na memória e que assim formam conjuntos) e do sintagma (o encadeamento desses elementos). A expressão (que são as relações paradigmáticas que operam com base na similaridade de sons) e conteúdo (as relações paradigmáticas que se baseiam na similaridade de sentido na associação entre o termo presente na frase, e a simbologia que ele desperta em nossa mente). O fonema (que está relacionado ao som de um vocábulo) e monema (sendo aquilo que altera o significado de um vocábulo) etc., estas são definições, dicotomias baseadas nos conceitos de Saussure (1857-1913). Tatit (1997, p. 22) considera que as relações entre pensamento semiótico e pensamento musical podem ser extremamente proveitosas para ambos os campos e que todos os modelos de análise musical baseiam-se nas formas de identidade e desigualdade da progressão musical, ou seja, na qualidade de idêntico e dessemelhança pertinente ao desencadeamento musical, nas formas de contração e expansão do material melódico, nas regularidades intervalares (do que é separado por intervalos), harmônicas (que é relativo ao campo harmônico) ou contrapontísticas (técnica usada na composição onde duas ou mais vozes melódicas são compostas levando-se em conta, simultaneamente o perfil melódico de cada uma delas e a qualidade intervalar e harmônica gerada pela sobreposição das duas ou mais melodias). No entanto jamais se propuseram a investigar o lugar teórico desses conceitos que, em última análise, visam descrever o sentido.

E a terceira dimensão é a performance que para Santaella (2005), é uma forma de arte que combina elementos tanto da música, quanto do teatro e das artes visuais. Considera a performance como a mais híbrida das dimensões da canção, pois, contempla a combinação de elementos, das matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal, que serão ventiladas mais adiante, embora, saiba-se, estas três dimensões, frequentemente são consideradas por alguns autores em separado, tentando lhes atribuir prioridades a uma ou a outra, apesar de estarem interligadas, como poderemos perceber.

A COMPLEXIDADE ACÚSTICA NA METAMORFOSE DA PALAVRA EM MÚSICA

Para ilustrar a nossa compreensão em relação ao suposto caminho percorrido pela voz, por meio da palavra cantada, submetemos alguns critérios também relacionados à palavra falada para compor a nossa argumentação sobre a resposta acústica e seus desdobramentos. Embora, neste modelo gráfico elaborado a seguir não se tenha pretensão de aprofundar conhecimentos tão específicos sobre os campos da complexidade acústica - como o próprio título sugere - o que se busca é a tradução compreensível do processo de transformação pelo qual a voz é submetida na palavra cantada e na canção, em sua construção poética de forma a harmonizar sua trajetória

com as possíveis leituras semióticas contidas e de apreciações por meio da letra da canção, objeto no qual trata esse artigo.

O som se propaga no campo acústico onde reside a canção, porém, o que se percebe é que as dimensões da canção dentro de um campo acústico estão precedidas de relações multissensoriais que a amplificam dando-lhe complexidade tornando-a multidimensional. Vale dizer que a palavra cantada apresenta em seu espectro estilos diversos, além das aparências variáveis que assumem – resultantes de um processo semântico no qual se traduzem – e ainda respondem por diferentes papéis na performance que às vezes adquirem caráter de maior destaque, ou de caráter mais evasivo ou emudecido.

Todo esse processo de passagem do estado da palavra, da eloquência, retórica e oratória, para um novo status de música cantada, dá-se por meio da atualização do texto e da própria música, por complementação e fim, originando assim numa linguagem que motivada por uma atitude performática, pela ação da própria linguagem que a precede, projeta uma nova etapa traduzida pelos diferentes papéis, às vezes, de mais destaque ou de caráter mais evasivo (fugidio), ou mesmo emudecido (em silêncio ou suspense), constitutivos da performance.

A palavra então assume duas formas que tomaremos como: palavra falada (código comunicativo) nos estados fonético (que diz respeito aos sons da fala), gramatical (referente a estrutura da língua) e sintático (conforme as regras da sintaxe) e palavra cantada (a voz como instrumento que propaga seus estilos e aparências variáveis que assumem).

O estado musical da palavra cantada é regido por um processo de complementação que se dá pela via sonora originando uma linguagem que somada aos elementos formais da música (melodia, ritmo e harmonia), orientam a canção a partir dos seus estilos diversos (clássico, pop, instrumental, rock, samba, country, indie, etc.) e das aparências variáveis que assumem, sob influência de seus elementos que a caracterizam como: timbre (fonte sonora), intensidade (tempo forte / fraco), altura (grave / agudo), duração (curto / longo) e densidade (propagação de sons simultâneos).

A figura abaixo de forma bastante simplificada, tem a aspiração de traduzir o texto referido para o fenômeno da complexidade acústica.

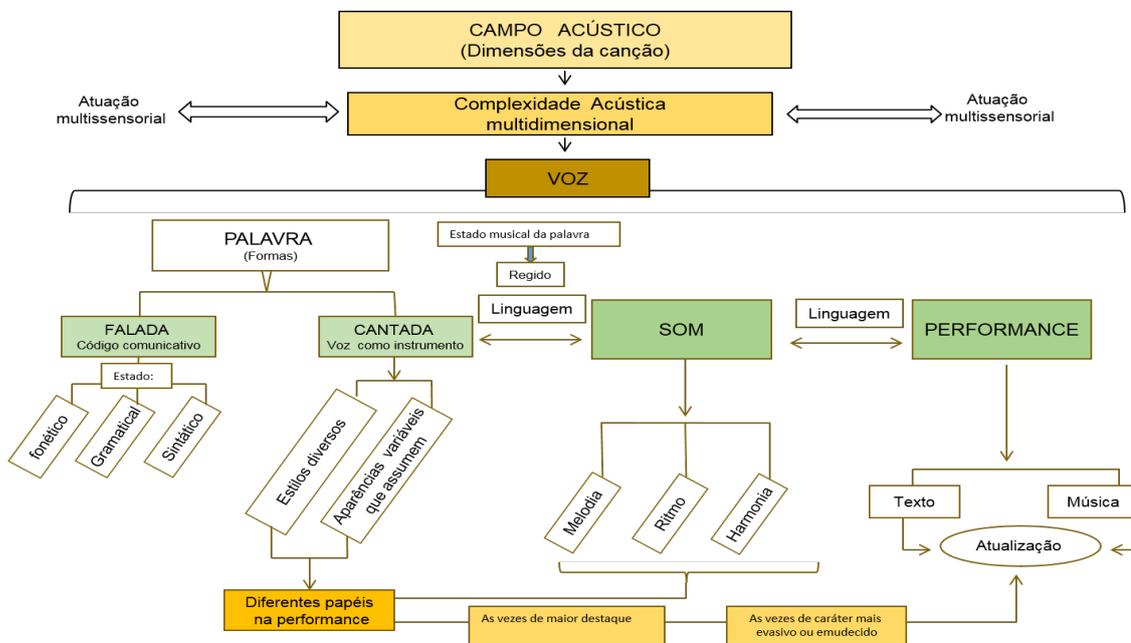


Figura 1: Complexidade acústica

Fonte: (elaborado pelo autor)

A MATRIZ SONORA E SUAS MODALIDADES SEGUNDO LÚCIA SANTAELLA

No primeiro capítulo de sua obra, “Matrizes da linguagem e Pensamento” Santaella (2005) em fontes e propósitos das matrizes e classificações, a autora atenta ao fato de que, para Peirce, todo pensamento, linguagem ou raciocínio se dá em signos e se desenvolve por meio de símbolos, tornando-se fundamental estudar todos os possíveis tipos de signo, suas interações e a forma com que sofrem, variações. Não há pensamento sem signos e que nenhum tipo de signo é autossuficiente ou completo. Segundo Takeda (2013), a autora discute a música como linguagem e estuda o som como pertencente ao domínio do quali-signo icônico, remático em Peirce, ou seja (referindo-se ao signo ligado ao seu objeto) por sua relação icônica, pela proeminência do caráter qualitativo do som e a mera suposição em relação ao seu intérprete.

Para Santaella (2005), o fundamento fenomenológico e semiótico em Peirce, estabelece três categorias e estas geram a hipótese de que há uma correspondência básica entre elas, a percepção humana e linguagens humanas. A autora relaciona a sonora pertencendo à matriz da primeiridade, onde a qualidade da consciência imediata é uma impressão. Considera o sentimento como qualidade, “o conjunto, invisível, não analisável, frágil, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, aquilo que se oculta ao nosso pensamento” (Santaella, 2005, p. 15). Com isso na primeiridade acontece a busca da qualidade, essa qualidade é um poder ser, é uma qualidade de sensação imaginada pelo receptor. Para Santaella, a sonoridade, independente da relação anexadora de sentidos. ” A sonoridade não pressupõe a forma, eixo da matriz visual, nem pressupõe o discurso, eixo da matriz verbal” (Santaella, 2005, p. 80). Na secundidade, aparece a “arena da existência cotidiana”,

onde a relação se configura, ou seja, cabe uma representação onde “o sujeito lê com compreensão e profundidade de seu conteúdo”. É a capacidade de síntese do objeto pela representação da primeiridade que o interpretante faz do signo. E a terceiridade, esta corresponde segundo a autora à “camada de “inteligibilidade”, onde o pensamento se dá em signos, por meio do qual representamos e interpretamos o mundo. Podemos exemplificar que essas três categorias produz uma existência física do objeto, mas qualifica e representa de acordo com a transformação do discurso em imagem dentro da articulação da cadeia significativa que o discurso interpõe, por meio dos signos.

Peirce concluiu que há três elementos formais que ele trata de universais: qualidade, relação e representação. Para Santaella, o ponto de partida para as matrizes é esta tríade, que é a semente do corpo fundamental do sistema lógico de Peirce e a fenomenologia, entendida como uma quase ciência que busca prover o fundamento observacional para o restante das disciplinas filosóficas.

Santaella (2005), faz correspondência com o fundamento fenomenológico de Peirce para a matriz sonora na percepção e linguagem humana da primeiridade, ao proclamar que o som é airoso, ligeiro, fugaz, é omnidirecional, sem bordas transparentes e capaz de atingir grandes latitudes e que nós não tropeçamos no som, ao contrário, ele nos atravessa. Essa condição faz do som e da música presença pura, movente e fugidia. Paralelamente observa que outras linguagens também podem alcançar um nível similar de desprendimento, a poesia, por exemplo especialmente a simbolista

Cabe aqui então questionar se o texto literário contido nas letras musicais, torna-se uma questão incondicional para se alcançar uma representação simbólica da imagem?

Pode-se pensar ainda, que ao apresentar-se em sua forma pura, o som é representado inicialmente na sua sintaxe em seu significativo, ou seja, na primeiridade, para posteriormente ganhar significado, intensão que será expressa por meio de sua letra musical, atribuindo-lhe uma semântica, portanto, simbologias, qualidades específicas, conteúdo etc.

Conclui-se então que para Peirce segundo Santaella (2005) todo pensamento, linguagem ou raciocínio se dá em signos e se desenvolve por meio de símbolos, a canção de Lenine, perpassa por essas três categorias e estabelece correspondência com as linguagens sonora, verbal e visual, pois a “camada de inteligibilidade” que possibilita a representação e interpretação do mundo está disposta de forma sutil, dando oportunidade ao receptor de compreender a figura de paciência em relação ao seu opositor o tempo, e ainda constitui com o receptor, a dimensão dos três elementos formais, universais, qualidade, relação e representação.

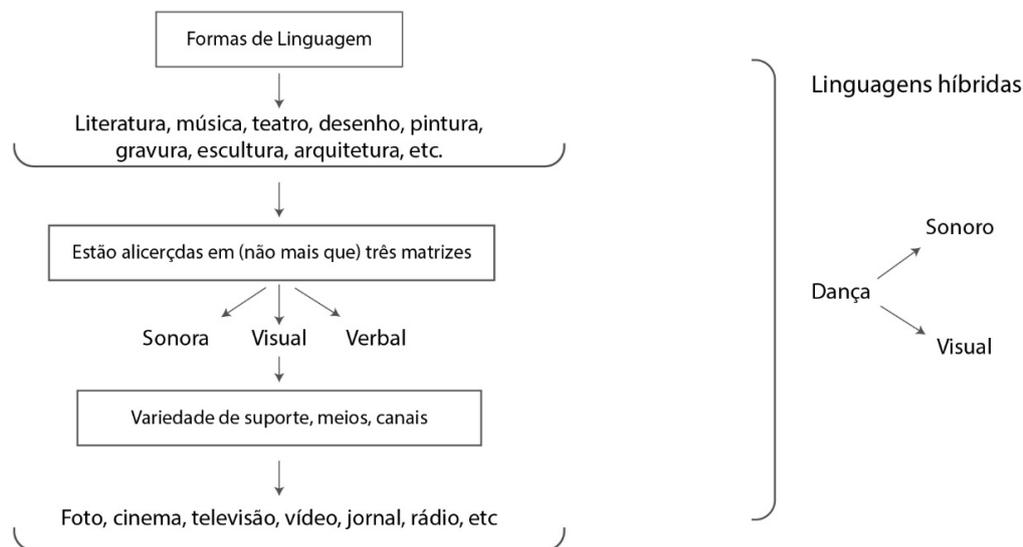


Figura 2 – A hipótese das três matrizes segundo Santaella (2005)

Fonte: (elaborado pelo autor)

MUSICANDO A SEMIÓTICA NOS ENSAIOS DE LUIZ TATIT

Em entrevista a Márcio Ferrari, Luiz Tatit, diz: “Faço canções embebido de linguagem coloquial e escrevo textos calibrados na árida tradição do discurso semiótico francês” (Revista Pesquisa-Fapesp, 2016, p. 29). Segundo Britto (2002), “Essa teoria toma o discurso contido no texto como a parte mais superficial e concreta do plano de conteúdo, parte essa resultante da enunciação”. Portanto, para Tatit, a compreensão lírica parece estar atrelada ao simples fato de se fazer compreender a partir do que foi expresso, de forma coloquial dando significado e significante as coisas.

Tatit distingue o objeto-canção da música, por considerar como acontecimentos diferentes. Em suas pesquisas, constatou que muitos compositores compõem sem saber música, entende dessa maneira que o processo se dá a partir de uma outra coisa. Esse desprendimento, gera em nós a sensação de que não há obrigatoriedade nem um caminho a seguir, não há, portanto, hierarquia nesse sentido, pois o processo não obriga que a composição se dê a partir da forma, ou seja, do seu significante, pois o conteúdo literário, expresso na poesia, poderá indicar uma outra situação para o caminho melódico a ser seguido eximindo assim a “primeiridade” da matriz sonora, reger a trajetória da canção, em nossa interpretação.

Na vertente europeia, o signo apresenta caráter duplo e é composto de dois planos complementares, forma e/ou significante, e conteúdo e/ou significado, assim a Semiologia relaciona uma certa sintaxe, esta relativa à “forma” a uma semântica, relativa ao “conteúdo”.

Para efeito de análise, propusemos uma representação gráfica bastante simplificada dessas premissas abordadas pelos autores Lúcia Santaella e Luiz Tatit, em conformidade com a vertente Europeia da Semiologia. O quadro resulta de uma

breve interpretação, baseado numa leitura própria dos conceitos aqui trabalhados, e constrói por assim dizer uma perspectiva das observações elaboradas.

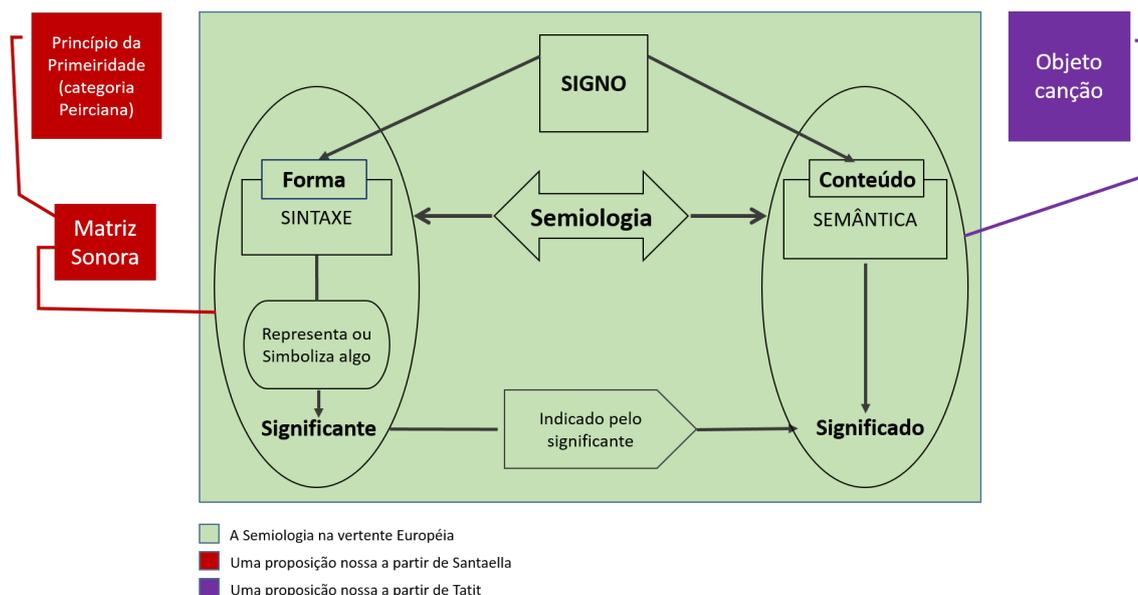


Figura 3 - Representação da Semiologia na vertente europeia.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Não obstante, os efeitos de compatibilidade entre melodia e letra se apresentam de maneira desprendidos da superfície das canções. Essa é a distinção feita por Luiz Tatit em seu modelo semiótico, quando trata da canção, mais precisamente no campo da linguística, distinguindo assim o objeto-canção da música. Segundo Tatit citado por Ferrari (2016), são coisas muito diferentes. Em seus estudos, o seu questionamento, seguia na direção de que todo cancionista que ele conhecia e de que gostava não sabia música e isso precisava ser explicado. Canção não é música. Para ele, a questão é difundir ou tentar explicar porque existe a diferença entre canção e música que em geral não se percebe não só no Brasil como no mundo todo.

Ainda conforme Tatit citado por Ferrari (2016, p. 27), foi desenvolvendo a ideia de que aqueles sambistas da velha guarda, como Noel Rosa, Ismael Silva, Lamartine Babo, Cartola, para citar alguns, também, os contemporâneos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, provavelmente compunham a partir de outra coisa que pouco tinha a ver com a teoria musical, ou seja, a base da construção não está necessariamente associada ou dependente de um conhecimento prévio da escrita musical. Quase não dispunham de recursos musicais e o grande trunfo seria emitir a melodia e depois estabilizar aquilo para ser repetido sempre da mesma forma, da mesma maneira. Tinham a habilidade de transformar a modulação da fala em melodia cancional. Conclui que os autores não têm consciência disso, porque não é papel deles refletir sobre a linguagem da canção.

Em “Análise semiótica através das letras “ (2001), Tatit faz um estudo para tratar apenas das letras e deixa de lado o componente melódico, afastando a necessidade

de conhecimento prévio especializado próprio das linguagens estéticas (musical, plástica, cinestésica). A leitura que se busca nesse modelo é tanto pela abordagem dos conteúdos do mundo inteligível como do mundo sensível, ou seja, a forma de interpretação pela qual os signos estão dispostos e se apresentam. Chama a atenção ainda para nos atermos “[...] ao plano de conteúdo desses textos, lugar em que a semiótica concentrou seus mais produtivos esforços de modelização ao longo desses anos” (Tatit, 2001, p. 14).

UMA LEITURA SEMÂNTICA DE “PACIÊNCIA”

O nosso discurso segue na percepção imagética de uma determinada canção que cognomina o termo paciência. Em um de seus estudos a partir da aplicação de teorias em textos verbais, Tatit faz uma análise semiótica do conceito de *paciência* tematizado na letra de Lenine e Dudu Falcão, que também tem o termo como título da canção.

Paciência

(Lenine / Dudu Falcão: 2006)

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma...a vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa...a vida é tão rara

Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal...eu finjo ter paciência
O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo, e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo pra perder?
E quem quer saber...a vida é tão rara, tão rara
Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Mesmo quando corpo pede um pouco mais de alma

Eu sei a vida não para a vida não para não...
Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esses tempo pra perder...E quem quer saber
A vida é tão rara, tão rara, tão rara...A vida é tão rara

Segundo Luiz Tatit, a análise semiótica da canção “Paciência” de autoria do cantor e compositor Lenine e Dudu Falcão pode assim ser compreendida:

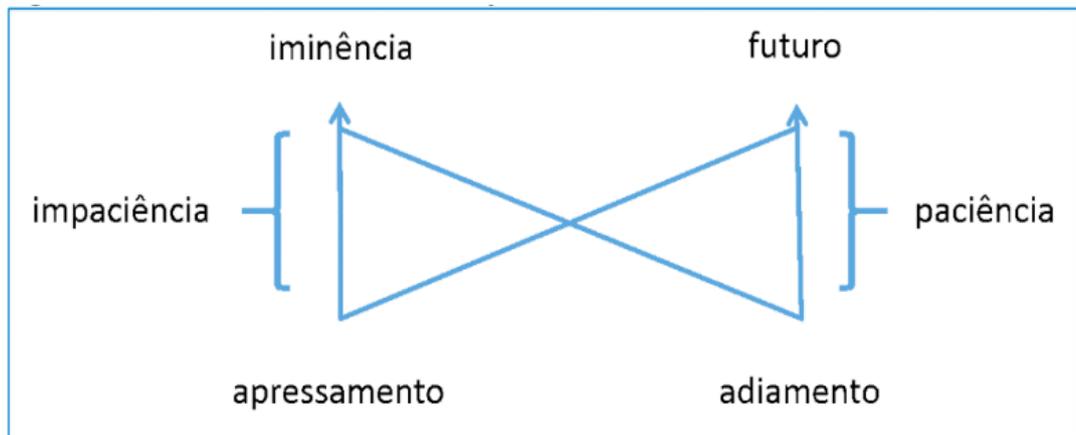


Figura 4: Análise semiótica da letra da canção “Paciência” de Lenine

Fonte: Análise Semiótica através da Letras (Luiz Tatit, 2001, p. 121)

A noção de *paciência* está na base da posição narrativa do sujeito de estado. Depende de um destinador que o *faz fazer* (ou *não fazer*), esse sujeito apenas espera a sua vez. Mas, ao contrário do sujeito “impaciente”, o paciente *sabe* esperar e *pode*, em princípio, permanecer indefinidamente nessa condição. A canção de Lenine pressupõe a inclusão desses atributos modais – sintetizados como *saber esperar e poder ser* - na competência do sujeito paciente. Mas o autor ainda explora, no nível discursivo, alguns valores de *temporalidade* e de *andamento*, associados à figura da “paciência”, que reportam nitidamente a categoria do nível tensivo. No que concerne à temporalidade mnésica (referente ao passado e ao futuro), o enunciador deixa transparecer sua predileção pelos valores extensos, aqueles que permitem a formação de durações e que requerem necessariamente um andamento desacelerado. O sujeito paciente espera o futuro em sua dimensão extensa, ou se quisermos, *adiada, retardada* etc. Do mesmo modo, esse sujeito rejeita o futuro em sua dimensão intensa, ou seja, como *iminência* decorrente de algum tipo de *apressamento* ou de antecipação. Reproduzimos aqui, com algumas alterações lexicais, o quadrado semiótico proposto por J. Fontanille e C. Ziberberg a partir das noções de *tempo ascendente* e *tempo descendente* de G. Guillaume, no qual os autores estabelecem a dêixis da paciência (TATIT, 2001, p. 121).

A análise semântica da mesma canção “Paciência” de autoria do cantor e compositor Lenine por nós interpretada ficou assim:

Na semântica musical de *Paciência*, o cenário anunciado, traz fortes indícios de tensão e necessidade de controle. O autor inicia sua fala poética num tom de súplica. Chama a atenção para o envolvimento do receptor envolvendo-o na trama da canção. Em complemento ao enunciado anterior, a figura do tempo surge como a responsável e o agente perturbador, enquanto o autor se apresenta e se posiciona em negação à vontade do tempo. A expectativa da cura está vinculada ao tempo. A loucura, serve de sinônimo para a imputabilidade ou a falta dela, e o protagonista “finge ter paciência”, sentimento contrário, dominado pelo ato do controle. A referência de “tempo que não para” imprime sensação de “maior” velocidade. Relação de troca de expectativa em relação ao ponto chave da questão proposta...paciência! A indagação diante da dúvida, o tempo é a chave, o símbolo da resposta, já que sua preciosidade é a sua própria representação. O descaso subtendido do símbolo tempo para a resposta pretendida, contrapõe com a ideia de valor da vida...tão rara. O autor retoma a introdução ao tema. Na semântica musical de *Paciência*, o cenário que se anuncia, traz fortes indícios de tensão e necessidade de controle, imprimindo novamente a relação de súplica. Chama a atenção novamente para o envolvimento do receptor envolvendo-o na

trama da canção na dimensão da alma. Afirma que “a vida não para”, pois está condicionada ao próprio tempo. (MOREIRA, 2016).

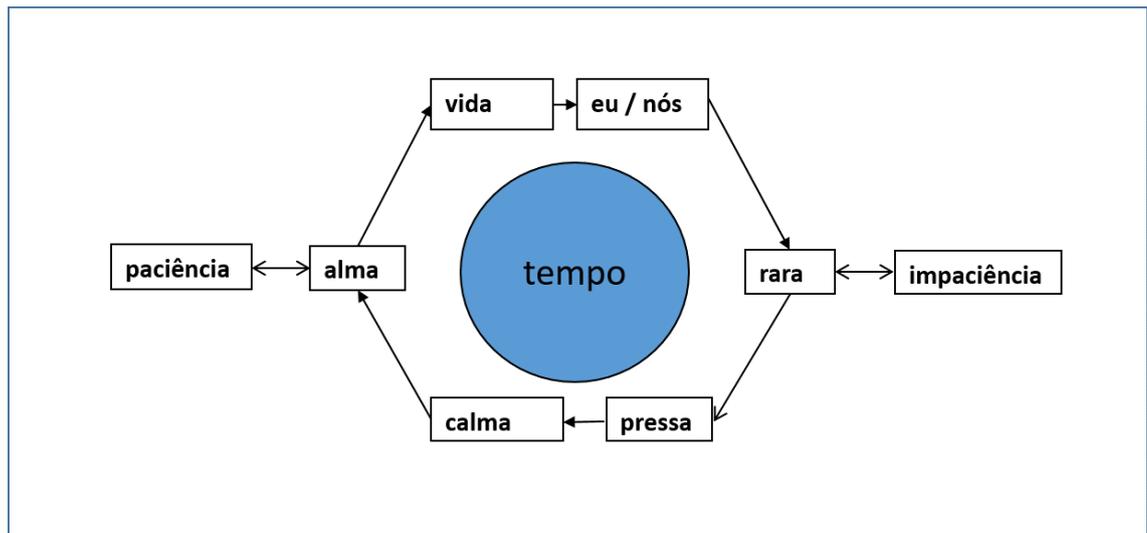


Figura 5: Análise semiótica da letra da canção “Paciência” de Lenine

Fonte: (elaborado pelo autor)

Nessa perspectiva observa-se que Greimas (1973) elaborou um modelo atuacional composto de três pares de categorias atuantes: Sujeito - objeto - opositor. Aqui, aplicaremos esse modelo na canção de Lenine e Dudu Falcão, onde o sujeito é o “eu-lírico” e o objeto é a “paciência”.

A função do opositor “tempo” consiste em criar obstáculos ao sujeito, opondo-se à realização do desejo e da comunicação do objeto. Em outras palavras, na canção, percebemos que a partir do modelo de Greimas, definiu-se esses elementos como percurso da narrativa, ou seja, o percurso da narrativa organiza-se por um sujeito “eu-lírico” o qual por vontade própria ou por obrigação, alcançará ou cumprirá um objetivo dentro da narrativa dentro da canção. Ele gira em torno das ações do “eu-lírico”. Com isto, as ações executadas pelo eu-lírico para atingirem seus objetivos constituem a estrutura da narrativa dentro da canção. O elemento chave da narrativa é o desejo que leva o eu-lírico a ser o sujeito das ações dentro das estrofes da canção.

Nesse ensaio da análise semântica a construção gramatical proposta permite ao receptor leigo, traduzir de forma simbólica a experimentação da representação sígnica da forma para o conteúdo, da sintaxe para a semântica, ou seja, do significante e lhe dar significado, e assim conforme Dietrich (2008: 16). “Podemos perceber que o modelo semiótico destinado ao estudo da palavra vai pouco a pouco caminhando para um estudo musical mais abrangente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conformidade desse estudo, confere ao leitor a dimensão da leitura que se pretende ao proporcionar uma descrição da canção que vai além da sua expressão literária, e de sua sonoridade emitida como veículo de linguagem.

A interpretação semântica aproxima a nossa compreensão fazendo relações importantes que materializam o pensamento abstrato conduzindo-o em direção ao pensamento tangível, construindo por meio dos signos e sua representação simbólica o elemento objeto dando significado ao imaginário.

Os autores Luiz Tatit e Lúcia Santaella, promovem a conscientização pelos sentidos e principalmente pelas percepções poéticas possíveis orquestradas pela dimensão dada em um cenário complexo na construção da sintaxe, da forma e do discurso, pela possibilidade eminente e perceptível do campo musical e pelo metabolismo das linguagens que se complementam na tradução semiótica da canção.

Tatit, ao referenciar o estudo da semântica na semiótica, considera, pois, que o olhar semiótico, é aquele que detecta, atrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva, mantendo – ou esboçando – entre si interações sintáticas, ou seja, é o cerne do organismo ilustrativo da trama poética e do valor da fala regida pela linguagem, por meio do código comunicativo, que dá o tom dos *inputs* e *outputs* em um nível um pouco mais profundo.

Santaella chama a atenção para as modalidades da sintaxe sonora, não estritamente à sintaxe musical, pois, diante do panorama multifacetado e pluridimensional, ficam evidentes as limitações e a estreiteza de uma classificação da linguagem musical pautada apenas nos ingredientes do ritmo, melodia e harmonia. Uma classificação que a autora considera capaz de absorver ou ser absorvida dentro do universo aberto e exponencial da música contemporânea.

Já a análise semântica da mesma canção “Paciência” de autoria do cantor e compositor Lenine e Dudu Falcão por nós interpretada, sugere que há um observador instalado no texto, por meio da enunciação que remete ao discurso dentro da ação narrativa à determinação do tempo, do espaço, pela categorização da continuidade e descontinuidade que toma significações diferentes da categoria semântica dentro da canção no ato de expressar a simbologia da palavra paciência. O envolvimento da canção nos leva a ter uma afinidade afetiva e emocional de uma conversa interior com as relações entre expressão e conteúdo do nosso dia a dia com contornos para assim fazermos uma leitura de mundo.

A partir da máxima de que criar é construir algo novo, a reflexão semântica propõe que esse novo é a capacidade do indivíduo de demonstrar para a realidade a sua experiência em poder fazer. A criação surge em um estado de tensão, desejo, sentimento de alegria ou tristeza. É o intelecto ressurgindo, caminhando para desenvolver uma ação. A reflexão sobre o ato de criar representa para o indivíduo uma

liberdade, um processo de compreensão que o leva para um crescimento da vida. O homem cria uma ideia e coloca no papel por meio da escrita, do desenho ou em um objeto como produto de sua própria criação. Este artigo tem como objetivo motivar o leitor a refletir sobre a percepção do mundo que o cerca e confrontar o lado imaginário de sua vida.

Para “Imagem”, entendemos uma representação mental de um objeto. Quando, por exemplo, ouço a palavra paisagem mentalmente visualizo um prado, cercado de eucalipto que me fazem sentir o perfume de suas folhas, pássaros voando e o som de sua revoada. Essa imagem mental comporta também o afetivo e o imaginário. O afetivo que acompanha o sentir prazeroso e tranquilo. A imagem é um elo entre o homem e o que está no mundo material. Imaginário é a capacidade que temos para fazer variações nas imagens que construímos do mundo que habitamos. Diariamente, renovamos e realimentamos o nosso imaginário, enriquecemos nossas vidas e seu sentido. A imaginação sobre uma paisagem é relacionar com a imagem da paisagem percebida outras variações de cores, sons, odores, que ainda não pertenciam à paisagem do mundo material conhecido. Por meio da imaginação se abre para nós um campo de possibilidades.

No poema Paciência, os poetas se movimentam para descrever seu objeto que é a paciência por meio dela, possibilitando ao leitor criar imagens pelas palavras. Essas imagens são percebidas pelo leitor pela sua consciência, pelos sentidos e principalmente pela sua imaginação criadora que é provocada pelo poeta. O poeta utiliza a percepção que é a seleção de estímulos por meio da atenção, para que o leitor perceba seu objeto.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. de. **Procedimentos de construção do texto falado:**

aspectualização. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 67-76. Projeto NURC-SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil, 1994/1995.

CASALI, C. **Semiótica Narrativa Greimasiana**. Material Didático para Disciplina de Semiótica da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Dez/2012. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/carolcasali/semitica-narrativa-greimasiana>>. Acesso em: 27/11/2016.

DIETRICH, P. **Semiótica do discurso musical**: uma discussão a partir das canções de Chico Buarque. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit. São Paulo, SP, Brasil, 2008.

FERRARI, M. A forma exata da canção. **Revista Pesquisa-Fapesp**. Nº 246. São Paulo: Dinap-Instituto UNIEMP, agosto de 2016, p. 24-29.

FINNEGAN, R. **Oral traditions and the verbal arts**: a guide to research practices. London, England: Routledge, 1992.

_____. **O que vem primeiro**: o texto, a música ou a performance? [Which comes first: the words, the music or the performance?]. In: Neiva de Matos, Cláudia; Travassos, Elizabeth and

da Teixeira de Medeiros, Fernanda eds. *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz* [Word Cantada: Essays on poetry, music and voice]. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/10895/>>, acesso em 26/11/2016. Rio de Janeiro, Brazil: 7 Letras, 2008, pp. 15–45.

LENINE; FALCÃO, D. **Paciência**. Álbum Na Pressão. Disponível em: <<https://goo.gl/KzKACk>>. Sony BMG Music Entertainment. São Paulo, SP, Brasil, fevereiro de 1999.

MOREIRA, I. **Relação entre os campos acústicos da palavra cantada**: Estudo das diferenças de complexidade acústica entre o estado musical da palavra e seu estado fonético, gramatical e sintático. Artigo apresentado no programa de pós-graduação para a disciplina: Tópicos Especiais A Metamorfose da palavra em música: motivo e perspectiva temática na história e teorias da música ocidental. UNESP. São Paulo, SP, Brasil. Mimeo, julho de 2010.

_____. **Análise semântica da canção “Paciência”**. Autoria do cantor e compositor Lenine e Dudu Falcão. São Paulo, SP, Brasil, 2016.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**. Sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3ª ed., São Paulo: Iluminuras-FAPESP. Sundberg, J. (1987). The Science of the singing voice. Illinois: Northern Illinois University press, 2005.

TAKEDA, T. (2013). **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: Sonora, Visual, Verbal Lucia Santaella Disponível em:< <https://goo.gl/13ikwE> >, acesso em 30/11/2016. São Paulo: Iluminuras, Ed. Interpretação e análise: 2013, p.3.

TATIT, L. **Musicando a semiótica**: ensaios. São Paulo: Annablume-FAPESP, 1997.

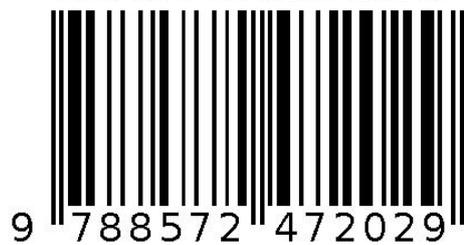
_____. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

SOBRE O ORGANIZADOR

Marcos William Kaspchak Machado - Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-202-9



9 788572 472029